

**CARTA DE 30 DE JULHO DE 2020 À NEIDE BORTOLINI,
IDEALIZADORA DO GRUPO *MAMBEMBE - MÚSICA E TEATRO
ITINERANTE*¹**

Ana Carolina Fialho de Abreu²

<https://orcid.org/0000-0002-5881-4061>

Letícia Pavão Schinelo³

<https://orcid.org/0000-0002-8539-957X>

Resumo

Nesta carta-homenagem para a professora Neide das Graças de Souza Bortolini, idealizadora do Grupo Mambembe-Música e Teatro Itinerante que também é uma carta-manifesto-Mambembe contra o desmonte da Educação Pública, compartilharemos as andanças estéticas, poéticas e políticas deste projeto de extensão da Universidade Federal de Ouro Preto, com ênfase em duas montagens: *O Cavaleiro Inexistente* (2011) e *Ensaios para Sedição* (2019).

Palavras-chave: Mambembe. Trajetória. Teatro de Rua. O Cavaleiro Inexistente. Ensaios para Sedição.

**JULY 30, 2020: A LETTER TO NEIDE BORTOLINI,
CREATOR OF THE *MAMBEMBE - MUSIC AND ITINERANT THEATER
GROUP***

Abstract

In this letter-tribute to Professor Neide das Graças de Souza Bortolini, creator of the Mambembe - Music and itinerant Theater Group, which is also a letter-manifesto-Mambembe against the dismantling of Public Education in Brazil, we discuss the aesthetic, poetic, and political wanderings of this extension project of the Federal University of Ouro Preto, emphasising two plays: O Cavaleiro Inexistente (2011) and Ensaios para Sedição (2019).

Keywords: Mambembe. Trajectory. Street Theater. O Cavaleiro Inexistente. Ensaios para a Sedição.

¹ O *Mambembe - Música e Teatro Itinerante* foi fundado em 2003 pela professora Neide das Graças de Souza Bortolini., sendo um projeto de extensão que tem como marca fundamental a reunião de jovens estudantes da graduação em Música e Artes Cênicas que, juntos, criaram e recriam o Teatro de Rua, completando, em 2021, 18 anos de história e práticas de rua.

² **Ana Carolina Fialho de Abreu** é professora no curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) com cotutela em Antropologia pela *Universidad Nacional Mayor de San Marcos* (UNMSM), Peru. E-mail: anacarolinaabreu1886@gmail.com.

³ **Letícia Pavão Schinelo** é licencianda em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: leticia.schinelo@aluno.ufop.edu.br.



Querida Neide, quantas saudades!

Saudamos-te, cantando:

É Mambembá! É Mambembá! As andanças de seu grupo, o Mambembe vem contar. Nesta carta tão bonita, nós viemos partilhar. Cataguases e Letícia, pedem licença para chegar!

Escrevemos de Campo Grande, Mato Grosso do Sul e de Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil, frio mesmo com sol, 30 de julho de 2020. Essa é uma carta escrita a quatro mãos. E junta-se a nós agora, você, leitor e leitora.

Tudo começou nesta data, quando completamos cinco meses de isolamento social, Neide, em função da pandemia do novo coronavírus. Momento em que o *Mambembe - Música e Teatro Itinerante* (2003), projeto de extensão do Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), foi convidado para partilhar sua trajetória no curso livre *Estudos de Teatro(s) de Rua*, na roda “Pedagogias, Ensino, Processos Criativos, Formas de Produção e Espaços de Atuação”, dentro do tema “O Teatro de Rua no ensino das Artes Cênicas: experiências nas universidades”.

Vale ressaltar que o curso livre *Estudos de Teatro(s) de Rua*, é promovido virtualmente e gratuitamente pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), realizado pelo curso de Licenciatura em Teatro e disponibilizado através do canal do Youtube: *Estudos de Teatro(s) de Rua*. O objetivo do curso é estimular através de webinários, o interesse pela pesquisa, experimentação e prática das Artes Cênicas de Rua, desde os seus artistas e fazedoras/es (rueiras/os). O curso já possui (na data de escrita desta carta) mais de mil inscritos e as videoaulas foram divididas em três grupos: 1) Chegança (24 de junho de 2020); 2) Na Roda (quartas e sábados, de 1 de julho a 5 de agosto de 2000) e 3) Cortejos (sábados de 8 de agosto a 19 de dezembro de 2020).

A nossa participação irá acontecer no grupo “Na Roda”, no dia 5 de agosto de 2020⁴. Queremos muito que você assista porque para revelar a nossa andança, faremos a leitura dessa carta. Trata-se de antemão, de uma carta-homenagem para você, uma carta-convite para o público e uma carta-manifesto-Mambembe para a UFOP e para o atual (des)governo. Segundo a escritora brasileira, especialista em acervos literários Eliane Vasconcelos (2008, p.

⁴ Nossa participação no Encontro pode ser acessada através do link: https://www.youtube.com/watch?v=JFqIpN6_zQ8&t=841s.



150), as cartas, junto com as biografias, os diários e as autobiografias, enquadram-se como “documentos expressivos”.

Para a autora, a carta é o documento expressivo mais acessível, variando de acordo com o ambiente cultural de seus emissores. Nós, emissoras dessa carta, pertencemos ao ambiente artístico do Mambembe, mas, somos de gerações distintas, não chegamos a atuar juntas. Assim, as vozes do passado e do presente irão se misturar e até mesmo se confundir, tanto para celebrar o aniversário de 17 anos do grupo em 2020, quanto para denunciar o nosso presente (corte de bolsas, sucateamento da Educação Pública etc.) e vislumbrar o nosso futuro.

Considerando esse caráter do “documento expressivo”, a acessibilidade, nosso objetivo é trazer para você e para o público que irá acompanhar essas linhas-águas que escorrem através dessa carta, informações sobre a vida-trajetória do Mambembe, suas questões socioculturais, políticas, artísticas, musicais, cênicas e literárias. Daremos ênfase em duas montagens, uma de outrora e outra de agora: *O Cavaleiro Inexistente* (2011) e *Ensaio para Sedição* (2019).

Entretanto, como se trata de uma “escrita de si”, com informações pessoais, reflexões e expressões de sentimentos, servindo, na linha foucaultiana (FOUCAULT, 1992) de fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro, ou seja, uma abertura de si que se dá ao outro, o caminho percorrido pelo Mambembe não será revelado de maneira linear, pois, a nossa memória e as nossas experiências pessoais vividas no grupo guiarão intuitivamente as linhas-memórias dessas páginas até você(s).

Assim, estimada professora-jardineira, iniciamos agradecendo você por ter plantado sonhos e colhido um projeto de extensão de Teatro de Rua, com estudantes do curso de Música e do curso de Artes Cênicas da UFOP, que este ano completa 17 anos de atividades ininterruptas. Observe que nossa criança já é uma adolescente Neide, e ano que vem atingirá a maioridade. Porém, já emancipada, Mambembe tem na sua trajetória: 20 espetáculos, ao redor de 300 apresentações, centenas de oficinas mediadas nas escolas, nas comunidades, distritos e salvo engano mais de 200 estudantes extensionistas, a chegar e a partir.

Aqui entre nós, despedir-se da universidade até que foi fácil, mas despedir-nos do Mambembe foi de partir o coração. No meu caso foi em cena, em cima da perna-de pau, no bairro Taquaral em 2012, e no espetáculo *Balada para Romen e Julieta*. Despedida também de meus irmãos Hideo Kushiya e Everton José. A direção cênica do espetáculo foi do



professor Ricardo Carlos Gomes que também atuou como coordenador do grupo entre os anos de 2011 e 2013, já a professora Priscila Duarte, mediou oficina de preparação corporal durante o processo criativo do espetáculo e a direção musical era de Júlia Nascimento.

Parido em 2003, sabemos bem que o projeto iniciou sua gestação em 2000, quando você ministrava as disciplinas *Psicologia da Educação I e II*, *Fundamentos da Educação e Práticas Pedagógicas* para as/os estudantes das Licenciaturas de Música e Artes Cênicas. Para você, leitor e leitora que não conhece a Neide (criadora e idealizadora do Mambembe), ela é formada em Psicologia, Mestre em Literatura Brasileira e Doutora em Artes. Por isso, a linha que costura a história do grupo é feita de Literatura. Linha-literatura esta que interage com a Música e as Artes Cênicas. Acho importante lembramos nesse momento de Osmauro Lúcio, como você mesma escreveu no artigo “Uma história Mambembe” no livro *Recriações - A Trajetória do Mambembe- Música e Teatro Itinerante* (2009, p.54): ele foi o cocriador do grupo, o primeiro estudante a acreditar na proposta, trazendo assim, novos colegas que também abraçaram a ideia.

Por falar de nascentes e começos, não me lembro o dia ou o mês, só sei que era 2007 e que o sol aquecia a gente do frio das ladeiras-pedras de Ouro Preto. Eu tinha 19 anos, tinha acabado de chegar à cidade para estudar Interpretação Teatral quando fui atravessada, atingida no peito, ao assistir *O Barão nas Árvores*, espetáculo inspirado na obra homônima de Ítalo Calvino. Trinta integrantes reunidos em um espetáculo. Um cortejo-espetáculo que se inicia com a dança do baile, uma adaptação do minueto, seguida de uma mesa-banquete, uma projeção do ventre da Baronesa Corradina, como nos conta Moacir Prudêncio (2009), em seu artigo: “Sobre as folhas: o processo criativo de *O Barão nas Árvores*”. A direção cênica do espetáculo e o figurino são de Antônio Apolinário; Moacir Prudêncio é assistente de direção cênica e a direção musical é de Hélder Silva. Naquele momento, ao conhecer os “bons barões” e a rebeldia subversiva de Cosme, eu tomei uma decisão: dali em diante meu objetivo seria “viver sobre as folhas” e entrar para o Mambembe.

Anterior a *O Barão nas Árvores* (2007) o grupo encenou *O conto da ilha desconhecida* (2006), baseado na pesquisa acadêmica do texto de José Saramago, com direção cênica de Tarcísio Ramos Homem e direção musical de Washington Ribeiro Moreira. Em 2004, o grupo apresentou *Os irmãos Dagob*, *A terceira margem do rio* e *Um moço muito branco*. Em 2003, ano de sua criação, o Mambembe estreou os esquetes: *Darandina*, *Sorôco, sua mãe, sua filha*; *A menina*



de lá e *Famigerado*⁵. Os espetáculos que tiveram sua estreia em 2003 e 2004 nasceram de pesquisa acadêmica sobre o livro *Primeiras Estórias*, de Guimarães Rosa.

Sobre a estreia em 2003,

os quatro esquetes eram apresentados em sequência, então, o elenco transmutava de uma cena rosiana para outra, nas praças, ruas ou adros de igreja, na mesma apresentação. (BORTOLINI, 2009, p. 56)

Revelando um pouco mais sobre o processo de criação e recriação artística do Mambembe, em 2004, Paulo César Bicalho (professor do Departamento de Artes Cênicas) remontou *Darandina* e *Famigerado*; Idelino Júnior disponibilizou-se a dirigir *Sorôco, sua mãe, sua filha*, na segunda reconstrução e Mariana Guarnieri dedicou-se à remontagem de *A menina de lá*. Além das reconstruções destes esquetes de estreia, surgiram as novas montagens de 2004, citadas anteriormente: Antônio Apolinário realizou a direção de *Os irmãos Dagobé*, Flaviano Souza e Silva da *Terceira margem do rio* e Raíssa Palma de *Um moço muito branco*, totalizando assim sete esquetes. E não podemos nos esquecer que *Sorôco, sua mãe, sua filha*, foi remontado em 2006 por Moacir Prudêncio e que *Famigerado* e *Darandina* também tiveram sua terceira versão, encerrando o ciclo *Rosiano*, infinito em suas possibilidades de re-criações.

Dois momentos importantes desta época marcaram a trajetória do Mambembe. Trata-se da apresentação de 2004, no *Festival de Inverno e Fórum das Artes de Ouro Preto e Mariana* e das apresentações de 2005, ao longo da viagem que o grupo realizou ao Médio Jequitinhonha. No Festival, as sete cenas/ esquetes foram apresentadas juntas e receberam o nome de *A cidade das estórias*. Lembremos que cada esquete tinha enredo próprio, era independente, tanto no processo de criação, quanto na estética proposta, na composição musical e mesmo na apresentação para o público. Segundo Mariana Guarnieri de Campos Tebet (2009, p. 147), em comum, as sete cenas tinham o mote literário, os atores e atrizes, os músicos e musicistas, a cidade como palco e o fato de ser o Mambembe:

⁵ A direção cênica e a dramaturgia desses esquetes é de Osmauro Lúcio, a direção musical de Ana Estachote e Hazencleber Luiz e no elenco fizeram presença: Jhon Weiner, Kátia Luví, Kátia Zampolo, Fred Lima e Waltair Júnior.



Todo o grupo se envolveu, de uma ou outra forma, no processo artístico das cenas (...). E essa “estória” - que parecia um tanto emaranhada - foi se desenrolando. A costura dos enredos numa unidade que era o pano de fundo - a cidade - ocorreu somente quando todas as cenas já estavam desenhadas, ao receberem um nome. O espetáculo “A cidade das estórias” era, então, a união delas.

Já na viagem que o grupo realizou ao Médio Jequitinhonha no ano seguinte (2005), as cenas não foram apresentadas juntas como aconteceu no Festival, a distribuição dos esquetes se deu a partir das cidades visitadas⁶, acompanhados da mediação de oficinas em diversas escolas por parte de seus/suas integrantes.

Desta forma, como bem diz a professora Clarissa de Carvalho Alcântara em seu texto-prefácio para o já citado livro do Mambembe, *Recriações - A Trajetória do Mambembe- Música e Teatro Itinerante* (2009):

Nas itinerâncias, deslocam-se as fronteiras, borram-se as linhas: o que importa à literatura, à música e ao teatro se não atingir a espessura do mundo? (...) Guimarães Rosa, Ítalo Calvino e José Saramago viram-se transcriados pelas cidades, morros e ladeiras, numa circularidade fluida, não-precisa, mas autogestada com rigor. Literaturas físicas avolumando-se no espaço impreciso; e por que não o inconsciente a céu aberto? Criam-se as ilusões ativas, o delírio é a matéria criadora. (...) (ALCÂNTARA, 2009, prefácio).

Por falar em delírio como matéria criadora, em 2009 o Mambembe realizou a montagem de *Delírios de Will - Shakespearizações musicais à brasileira* conhecida também por *Como chupar os ossos de Shakespeare*. Ao brincar com as personagens do poeta, ator e dramaturgo inglês, o grupo convidou o público para descobrir diversos aspectos da vida dos homens e das mulheres refletidos, pela imaginação, no Teatro de Rua. Assim, usando de uma citação sua Neide, em artigo publicado no segundo livro do grupo *Cadernos cênicos-musicais Mambembe*:

Deixadas as páginas dos livros de literários e investigadas as páginas do teatro de William Shakespeare, ocorreu um movimento novo, enriquecedor para o grupo, somando-se à pesquisa sonora e poética acerca da história da Música Popular Brasileira (...) (BORTOLINI, 2010, p. 77).

A direção geral do espetáculo é de Iza Lanza, a direção musical de Fabrício Malaquias e foi neste momento, que eu, *Ana Carolina Fialho de Abreu*, tive a alegria de entrar para o

⁶ Assim, em viagem ao Nordeste de Minas Gerais, em 2005, salvo engano na cidade de Minas Novas, o Mambembe apresentou as cenas rosianas *Darandina* e *A terceira margem do rio*; em Chapada do Norte; *Os irmãos Dagobé*; em Berilo, às margens do rio Araçuaí; *Darandina* e *Famigerado* em Virgem da Lapa; em José Gonçalves de Minas, *Os irmãos Dagobé* e *A terceira margem do rio*; e, ao final, em Francisco Badaró, apresentou *Famigerado* e *A Terceira margem do rio*.



grupo, trabalhar na equipe de produção, substituir no espetáculo a querida atriz Airá Fuentes Tacca e interpretar a Rainha com Nome de Flor.

Antes dos *Delírios*, em 2008, o grupo apresentou *Ciganos*, inspirada na pesquisa da obra homônima de Bartolomeu Campos Queirós, com direção de Rodrigo Mairinki. Em 2010, aconteceu a estreia de *O Cavaleiro Inexistente*, com direção cênica de Haylla Rissi e direção musical de Éric Moreira. Em 2011, apresentamos *O Visconde Partido ao Meio* com direção cênica de Hideo Kushiya e direção musical de Laís Garcia. Aqui espiralamos e decidimos dar continuidade à pesquisa acadêmica sobre a literatura de Ítalo Calvino que se iniciou com a leitura e montagem de *O Barão nas Árvores*. A trilogia de Calvino, também conhecida por *Os nossos antepassados* (volume que reúne *O Visconde Partido ao Meio*, *O Barão nas Árvores* e *O Cavaleiro Inexistente*) foi escrita pelo autor em 1950.

Acho relevante, Neide, a gente lembrar juntas a história de uma das apresentações de *O Cavaleiro Inexistente* que nos marcou e que você colaborou na feitura-ponte. Para tanto, contaremos um pouquinho sobre o processo criativo do grupo nesse espetáculo. O Mambembe se reunia, nessa época, às terças e quintas de oito horas ao meio-dia e aos sábados das oito horas às cinco horas da tarde. Sábado era dia de ensaiar e se apresentar na rua. Elaborávamos a agenda dos ensaios e das apresentações através da lista dos bairros e distritos de Ouro Preto. Para exemplificar, em um sábado ensaiávamos em um bairro, mediávamos durante a semana oficinas na(s) escola(s) do referido bairro e no outro sábado nos apresentávamos neste mesmo local. Tal organização fez com que estreitássemos nossos laços com a comunidade ouro-pretana, seus/suas moradoras/es e suas escolas, o resultado deste processo foi o aumento de público nas apresentações e o surgimento de novas ideias e projetos entre o grupo e os bairros, como esta experiência que vamos relatar.

Logo que o ônibus chegava na comunidade, descíamos e buscávamos um local para a apresentação, a turma da Música encontrava uma moradora, um morador ou o padre para ligar nosso equipamento de som e a turma do Teatro procurava outro lugar, distante do local da apresentação, de onde partiria o cortejo (onde também fazíamos nosso aquecimento corporal e vocal, antes do início do espetáculo) e o Carro Biblioteca estacionava, abria suas portas e seus/suas bolsistas e colaboradoras/es começavam o empréstimo dos livros para as crianças e adolescentes.

22 de novembro de 2011, *O Cavaleiro Inexistente* foi então convidado pela Associação de Bairro do Morro Santana para se apresentar no dia em que aconteceria um mutirão de



limpeza da Bica do Córrego Seco. A bica é um bem cultural do bairro, situado numa das nascentes do Córrego Seco, utilizado em tempos de outrora pelas lavadeiras para lavar as roupas da família e dos fregueses. O local estava sendo utilizado, em parte, como depósito de lixo, comprometendo a nascente de água e sua utilização para abastecimento das casas (até hoje muitas pessoas utilizam esta bica para abastecer suas casas).

A mediação do convite se deu através da Casa do Patrimônio de Ouro Preto e de seu “Programa Sentidos Urbanos: patrimônio e cidadania”, que desenvolvia na época o projeto “Sou do morro, eu também sou patrimônio” e de você Neide. As/os estudantes de Licenciatura do Mambembe mediarão oficinas de iniciação ao Teatro e Música na escola Municipal Professora Juventina Drummond, localizada no Morro Santana, atividade que antecedeu a semana da apresentação.

No dia do mutirão todo mundo colaborou com a limpeza da bica: professoras/es da escola, estudantes, familiares, moradoras/es do bairro, estudantes da UFOP, artistas e nós, Mambembes. O evento contou também com a presença das antigas lavadeiras que foram entrevistadas e relataram suas histórias. Vários caminhões de lixo foram retirados do local. A apresentação do espetáculo que aconteceu na bica, encerrou as atividades e (re)inaugurou o espaço (ver imagem 1 e 2).



Figura 1. Entrevista com as ex-lavadeiras da Bica do Córrego Seco no Morro Santana.
Fonte: Acervo do Programa Sentidos Urbanos. Ouro Preto, 2011.





Figura 2. O Cavaleiro Inexistente na Bica do Córrego Seco no Morro Santana.
Fonte: Acervo do Programa Sentidos Urbanos. Ouro Preto, 2011.

Estávamos muito emocionadas, fazermos parte juntos da comunidade da feitura dessa história de reconhecimento e sentimento de pertença foi um divisor-de-águas-Mambembe. Ouvir as/os moradoras/es e as crianças cantarolando as canções do espetáculo que inspirado no romance medieval de vereda cômica cervantina foi recriado desde as pesquisas realizadas sobre as culturas e religiosidades brasileiras e especialmente mineiras como o Congado, a Umbanda, os Vissungos, o Maculelê, o Samba e a Capoeira, nos regozijou. Como escreve o diretor musical do espetáculo Éric Moreira (2013, p. 95): “o Mambembe leva a história de Calvino adjunta a elementos musicais que as comunidades já conhecem ou com os quais até se identificam, ainda que sem consciência disso”.

Pensamos que a identificação do público com o Mambembe ultrapassou os elementos musicais e se expandiu para as reflexões levantadas pelas/os moradoras/es, reveladas também nas nossas oficinas e no nosso espetáculo: questões relativas à identidade, ao ser e



não ser, existir e não existir, pertencer e não pertencer, dilemas humanos que tem ensejado as mais diferentes expressões na vida e na Arte.

Como afirma a pesquisadora idealizadora do Programa Sentidos Urbanos e membra do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de Ouro Preto, Simone Monteiro Silvestre Fernandes (2014) em seu mestrado *Reflexões para ações educativas em conjuntos urbanos tombados: Ouro Preto*, a força da imagem construída em Ouro Preto como “cidade colonial” transformou a cidade em palco de experimentação das novas políticas públicas pensadas para o país na área, com a realização efetiva de ações de conservação, restauração e revitalização de seu patrimônio cultural. Entretanto, a escolha de apenas parte da cidade reflete uma imagem incompleta, dificultando o reconhecimento e sentimento de pertença por parte dos cidadãos e cidadãs, que percebem uma porção de sua cidade sendo tratada como monumento e a outra porção sendo esquecida, desconhecida. Afinal, ressalta Fernandes (2014), a cidade não é só o seu centro histórico, seus bairros e distritos integram também esse lugar, que não pode ser visto de maneira simplificada.

O Programa Sentidos Urbanos, junto da comunidade do Morro Santana, sua escola e comunidade mostraram a possibilidade de melhorar a relação entre o cidadão, a cidadã, a cidade e sua preservação e o Mambembe, ao entrar para essa história fortaleceu a ideia de pertença e de sermos protagonistas de nossas próprias histórias, afinal, as histórias importam, muitas histórias importam. Como nos alerta a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019, p. 32), devemos estar atentos e atentas ao perigo de uma história única, afinal:

As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

Desta maneira, o que vimos no palco-rua e na vida do Morro Santana na Bica do Córrego em 2011 foram histórias de empoderamento e humanização, de reparação da dignidade despedaçada, de mulheres lavadeiras protagonistas, contando suas próprias histórias ao lado da narradora/autora da obra *O Cavaleiro Inexistente*, a personagem irmã Teodora que posteriormente revelou para o público ser também a guerreira temida e respeitada Bradamante, outra personagem da história.

Mulheres guerreiras subvertem a ordem social, na cena e na vida. No romance, trazendo a presença feminina para o campo de batalha, um lugar comumente reservado ao sexo masculino – principalmente no período em que o romance é ambientado, a saber, no



império carolíngio. Na vida, nas lutas sociais, na busca por reconhecimento, pertencimento, no trabalho revelado por mãos que lavaram por décadas roupas suas, de suas famílias e de seus fregueses, que plantaram sonhos, colheram vidas e famílias que desejam um presente-futuro cada vez melhor.

O mundo dá voltas, o tempo voa e é chegada a hora de falar sobre os espetáculos do Mambembe que se seguiram. A gente parte, mas as histórias continuam sendo escritas e elas são instigantes e surpreendentes. Em 2012, o Mambembe estreou *Destinerantes*; em 2014, *Cortejo Mambembe*; em 2015, *A chuva que vem de lá*; em 2016, *O que fazem aqui esses pés descalços*; em 2018, *Lumiero*; e em 2019, *Ensaio para a Sedição*.

Antes de revelarmos um pouco o cotidiano artístico do grupo na atualidade através do processo criativo de seu último espetáculo *Ensaio para a Sedição*, alertamos que o projeto que já teve em torno de 20 bolsistas e 10 voluntárias/os, vêm sofrendo com os cortes financeiros feitos pelo atual governo que afetaram/afetam a Educação Pública em nosso país. Ano passado, por exemplo, em 2019, o projeto tinha apenas uma bolsista e quatro estudantes voluntários. Em suma, as/os estudantes que vêm resistindo ao plano de desmonte e sucateamento da Educação Pública, liderado pelo presidente, trabalham normalmente como voluntárias/os, sem recursos – nem para a pesquisa e nem para a compra de tecidos para os figurinos, adereços para o cenário, maquiagem, manutenção de equipamentos de som, instrumentos musicais, etc. Alguns/algumas deixaram o grupo por precisarem trabalhar para se sustentarem, outros migraram para projetos que ainda possuem bolsas e claro, vários permaneceram e continuam tecendo histórias.

Por isso, deixamos nessa carta, que também é um manifesto, o nosso pedido para que a Excelentíssima Reitora da UFOP, a Professora Doutora Cláudia Marlière volte os seus olhos e a sua atenção para o Mambembe. Todos os projetos de extensão da universidade tiveram cortes severos no número de bolsas? Quais cursos foram os mais afetados? Por quê? Como a ausência de bolsas vêm afetando a vida das/os estudantes durante o período pandêmico em que estamos vivendo? O que é possível fazer frente a esta realidade? Ressaltamos, ao parafrasear Idibal Pivetta, um dos fundadores do *Teatro Popular União e Olho Vivo* (TUOV), comprometido com o teatro de resistência que o Mambembe é como soca de cana: nos cortem que nós nasceremos sempre!

Como (re)nascer frente a esta dura realidade? É possível reescrever essa história? - “Reescreva-me!” Disse Calma Neném ao Bobo em “Delírios de Will”. Na referida cena, Psiu



ou Mactelo (uma mistura de Macbeth com Otelo) faz um duelo com Hamlet, um duelo cabralino de repente. Ao final, Psiu ao tentar acertar Hamlet, mata Calma Neném, a palhaça-Ofélia. Nesse momento, à beira da morte, a palhaça tem uma iluminação: Will, o Bobo (Shakespeare encarnado) é quem está escrevendo a história. Ela então diz ao bobo: - “Reescreva-me!” Entretanto, aos prantos, o Bobo se desculpa por não poder reescrever a história. Assim, a palhaça-Ofélia, ao som de *Rosa*, tira o seu nariz de palhaça e é levada nos ombros por suas companheiras/os de cena que cantam e dançam a canção usando da saia-água da personagem que se “afoga” e se despede de maneira lúdica, emocionada e emocionante.

Utilizando desta metáfora, na impossibilidade de termos nossa história reescrita, reivindicamos o futuro, anunciando no presente a urgência por mudança! É chegado o momento de escrevermos uma nova história! Inclusive no próximo ano (2021), quando comemoraremos 18 anos de grupo, vamos produzir sem nenhum recurso financeiro, o “Seminário Mambembe- 18 anos!” com encontros virtuais que irão celebrar a trajetória do grupo e denunciar o desmonte que a Educação Pública vem sofrendo no Brasil e como tal feito vem afetando o curso de Artes Cênicas da UFOP e o Mambembe, seus processos criativos, espetáculos, oficinas e a vida de suas/seus extensionistas.

“É Mamb(Ê)mbal!”. Assim começará a nossa fala no Encontro de Teatro(s) de Rua. Assim iniciamos esta carta, terminam nossos ensaios, começam nossas apresentações e é desta maneira que escreveremos a última parte desta carta. Realize conosco o exercício imaginativo, Neide: de mãos dadas, levantamos a perna direita do chão gritando a frase e na sequência fincamos o pé na terra, todas juntas, pela sincronicidade do olhar e da escuta. Conta-se que a cada geração a ênfase da palavra Mambembe ou Mambemba salta para uma sílaba diferente, na mais recente, ressaltamos o “e” do meio da palavra “Mambemba”.

Agora sim! Retomando nossa proposta, o segundo processo que escolhemos partilhar mais a fundo, começou em maio de 2018. Neste ano você andava por outros projetos, e nós, novas/os integrantes, pouco sabíamos que o famoso projeto de extensão de Teatro de Rua da UFOP era fruto seu. Na verdade, pouca gente havia sequer assistido algum espetáculo do Mambembe. Mas a palavra corre forte e o vento traz aquilo que pulsa nos corações, o que levou mais de vinte e cinco estudantes para a vivência de seleção para participar do projeto,



desde o convite caloroso feito por Raílson Fidélis, Tatiane Andrade e Camila Vendramini, Mambembas que fizeram presença na transição de gerações.

Foram essas Mambembas que, coordenadas pelo professor Paulo Maciel, nos “embalaram” nos primeiros meses de um ciclo que duraria dois anos. Neste período, vivemos intensos ensaios e processos formativos de Teatro de Rua, treinamento corporal e vocal, oficinas com ex-mambembes e o contato com as praças e vielas da cidade. Nossa preparação musical e rítmica foi também cuidada pelo professor Rufo Herrera, que contribuiu com sua imensa sabedoria em muitas gerações do projeto.

Em certo momento, o bastão de planejar os ensaios foi passado para nós, participantes. Em um processo artístico-educativo nos foi proposto que em dupla ou trios começássemos a pensar nos encontros, assumindo uma responsabilidade maior quanto à construção do processo coletivo que vivíamos ali. Nossos ensaios, que nesse momento eram às terças e quintas-feiras das nove ao meio-dia, foram então divididos. Cada dupla contava com a orientação de Camila ou Tatiane, e ao final do ensaio recebíamos de nossos colegas um retorno sobre a condução, os jogos escolhidos e as experiências vividas. Um processo de muita aprendizagem, Neide. Algo que se parece bastante com o que você nos ensina nas disciplinas do curso de Licenciatura em Teatro.

Esse caminho nos levou cada dia mais para a montagem do espetáculo, principalmente no segundo ano do ciclo. Para que você saiba como chegamos na Conjuração Mineira e na peça de Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri intitulada “Arena conta Tiradentes”, base da nossa dramaturgia, precisamos lembrar que o professor Paulo veio da História. Ele havia proposto para o grupo o projeto *Mambembe em Ensaios para a Sedição: Teatralidades Conjuradas e Comunidades Insurgentes*, uma criação artística sobre três conjurações brasileiras: a mineira, a carioca e a baiana.

O tempo de ensaio e as diversas condições específicas que essa geração enfrentava nos fizeram aterrissar na Conjuração Mineira, ela seria o foco do nosso trabalho. Não faltavam motivos para essa escolha, um dos mais importantes, é claro, é que a revolta contra a exploração e dominação portuguesa no século XVIII aconteceu em Vila Rica de Ouro Preto, exatamente nas ruas e bairros que o Mambembe sempre percorreu e atuou. Ruas em que brincamos e fazemos teatro, damos oficina e aprendemos, ruas que são um museu a céu aberto e foram o palco da história que contaríamos na peça *Ensaios para a Sedição*.



Essa revolta, Neide, não só não deu certo, já que foi delatada, os confidentes exilados e Tiradentes, enfim, sabemos todos o seu fim, como também não foi popular. Nos inquietava e não tínhamos respostas certeiras a essa inquietação, ou seja, que a Conjuração Mineira não fosse popular, que partisse de uma elite branca que não levava em consideração a população negra escravizada, as pessoas que construíram Ouro Preto e são ancestrais da população dos morros e periferias do município, onde vamos apresentar os espetáculos. Essa inquietação sempre permeava nossos encontros e reflexões. Ainda assim, sabíamos que a Conjuração Mineira possuía ideias importantes e necessárias de serem lembradas no Brasil atual, e por isso nos mantivemos firmes à proposta escolhida.

Para nos apropriarmos dessa história de conspiração e revolta, além de muitas referências lidas e assistidas, realizamos jogos que foram muito além do espaço físico e temporal do ensaio. De jogos de “esconde-esconde” em que éramos personagens da inconfidência ajudados pelas senhoras que esperavam o ônibus na estação de trem, até uma ação em que, encapuzadas/os como a figura histórica da sedição, o “Embuçado”⁷, entregamos um trecho das Cartas Chilenas às/aos moradoras/es de quatro bairros de Ouro Preto.

A construção da dramaturgia foi feita a partir da obra citada *Arena conta Tiradentes*, de Boal e Guarnieri. Das mais de quinze cenas da peça escolhemos quatro e as costumamos com uma linha-Mambembe. Nossa estreia se deu, por coincidência, no Morro Santana, com a presença das pessoas da comunidade e das/os alunas/os da escola Juventina Drummond (novamente!). Podemos ver que o Mambembe cumpre muitos ciclos: voltamos aos bairros das escolas em que fazemos os estágios da Licenciatura e encontramos nossas/os alunas/os nas oficinas e nas peças.

Apresentamos mais cinco vezes e cada apresentação fazia parte do processo criativo, em uma construção contínua, uma peça em movimento. Na apresentação do bairro Padre Faria, à qual você nos deu o prazer de assistir, tivemos a participação de uma convidada especial. No sábado anterior ao espetáculo, que foi em um domingo à tarde, fomos ao bairro divulgar a apresentação e ensaiar. Na pracinha, do início ao final do ensaio, nos assistiram

⁷ Nome como ficou conhecida a figura encapuzada, não se sabe se homem ou mulher, que em uma noite de maio de 1789 passou pelas ruas de Vila Rica avisando aos conjurados que a Inconfidência havia sido descoberta (STARLING, 2018, p. 150).



atentamente duas meninas. Agradecemos suas presenças e lhes convidamos a voltar no dia seguinte com as suas famílias.

Uma delas, Beatriz, de oito anos, realmente voltou. Mas, por decisão sua, como atriz, e não espectadora. Como ela já conhecia toda a peça, espontaneamente participou do espetáculo, com uma certeza bonita de estar em um lugar que era seu. Quando não contracenava, organizava nossos figurinos e cenários. Com ela, passamos também os momentos mais delicados da história e da peça, como quando os personagens desistem da revolução (ver imagens 3 e 4) ou quando representam a violenta exploração da América pelos países europeus. Lá estávamos nós, Mambembes e Bia.



Figuras 3 e 4. Ensaios para Sedição: Mambembe e Bia.
Foto de Júlia Duarte. Ouro Preto, 2019.



A última apresentação também foi muito marcante, em Lavras Novas, distrito de Ouro Preto. Quanta negociação fizemos para conseguir o transporte com a UFOP, Neide! Contamos com o apoio de todas as/os docentes do departamento, que aprovaram usarmos a verba dividida com todo o DEART para o transporte de um semestre, isso porque, nos momentos atuais, não há, praticamente, verba nenhuma para nada, como você bem sabe.

Fomos a esse distrito pela manhã de um sábado de dezembro, e, pouco depois de chegarmos, passarmos pelas casas, bares e igrejas divulgando o espetáculo, começou uma chuva fininha que não "arredou pé". O lugar ficou preenchido por aquela névoa, pelo frio e pelo chuvisco, que impossibilitavam nossa apresentação no gramado da igreja. Por sorte (e muita!), nos ofereceram o pequeno espaço do salão da igreja. Pensamos que com a mudança de local e o clima iríamos apresentar para poucas pessoas e as crianças que saíam da catequese - o que faríamos com muita alegria! Mas, para nossa surpresa, as meninas e meninos foram chegando, sentaram-se no chão e de repente apareceram adultas/os, idosas/os, moradoras/es, mais crianças e até alguns turistas para assistir à peça. A sala se encheu com o público mais diversos e mais participativo que tivemos em todas as apresentações.

Nossa maior descoberta, entretanto, foi outra. Ao final da apresentação nos contaram que havia muito, muito tempo que a comunidade não recebia ali nenhuma apresentação artística, e que a última de que se lembravam tinha sido exatamente do Mambembe. Ao ver que havíamos nos apresentado ali, Raílson, ex-Mambembe, nos comentou a coincidência: era o dia seis de dezembro de 2019, ou seja, três anos antes, nem mais, nem menos, o espetáculo *O que fazem aqui esses pés descalços*, de duas gerações anteriores do projeto, havia estado ali. Completamos outro ciclo!

O mundo dá voltas, o tempo voa e é chegada a hora de nos despedirmos de você(s). Sem dúvidas essa não será a última carta trocada por nós. Desejamos que quando este momento desolador de pandemia do novo coronavírus passar, quando estivermos todas vacinadas e protegidas, que a gente se encontre pessoalmente para trocarmos um abraço, apertado. Terminamos como começamos, cantando:

Ê Mambembaê! Ê Mambembeá! As histórias de seu grupo, o Mambembe veio contar. Nesta carta tão bonita, nós viemos relatar. Cataguases e Letícia, pedem licença pra acabar!



Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ALCÂNTARA, Clarissa de Carvalho. Prefácio para **Recriações: A Trajetória do Mambembe- Música e Teatro Itinerante**, de BORTOLINI, Neide das Graças de Souza. Ouro Preto: Ed. UFOP, 2009.
- BORTOLINI, Neide das Graças de Souza. Teatro de rua e transformações socioeducacionais. In **Cadernos cênico-musicais: Mambembe**. Ouro Preto: Ed. EDUFOP, 2010.
- BORTOLINI, Neide das Graças de Souza. Uma história Mambembe. In **Recriações: A Trajetória do Mambembe- Música e Teatro Itinerante**. Ouro Preto: Ed. UFOP, 2009.
- FERNANDES, Simone Monteiro Silvestre. **Reflexões para ações educativas em conjuntos urbanos tombados: Ouro Preto**. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 2014.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In **O que é um autor**. Lisboa: Vega, 1992.
- MOREIRA, Eric. Música cênica: uma análise do processo de composição da trilha sonora em “O Cavaleiro Inexistente”. In: BORTOLINI, Neide das Graças de Souza; GROSSI, Adriane. **Cadernos musicais: Mambembe**, 2013, 89-112.
- PRUDÊNCIO, Moacir. Sobre as folhas: o processo criativo de “O Barão nas Árvores”. In: BORTOLINI, Neide das Graças de Souza. **Recriações: A Trajetória do Mambembe- Música e Teatro Itinerante**. Ouro Preto: Ed. UFOP, 2009, p. 251-255.
- STARLING, Heloísa M. **Ser Republicano no Brasil Colônia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- TEBET, Mariana Guarnieri de Campos. Textura da palavra: um olhar sobre o processo de criação de “A cidade das estórias”. In: BORTOLINI, Neide das Graças de Souza. **Recriações: A Trajetória do Mambembe- Música e Teatro Itinerante**. Ouro Preto: Ed. UFOP, 2009, p. 147-153.
- VASCONCELLOS, Eliane. Intimidade das correspondências. In: **TERESA** Revista de Literatura Brasileira/Área de Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, n. 8/9, 2008, p. 372-389.

*Recebido em 01 de junho 2021
Aceito em 20 de setembro de 2021*

